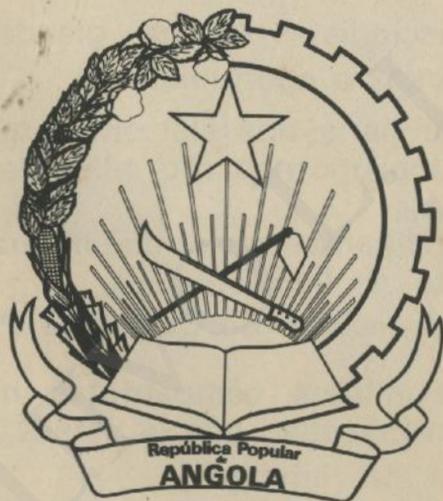




REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

**1 DE AGOSTO DE 1977 :
IIIº ANIVERSARIO DA CONSTITUIÇÃO
DAS GLORIOSAS F.A.P.L.A.**





ARQUIVO
LUCIO LARA

Sumario :

- 6 NASCERAM NA LUTA GUERRILHEIRA .
- 28 MENSAGEM DO MINISTRO DA DEFESA
AS FORÇAS ARMADAS POPULARES
DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA.
- 33 Os fraccionistas são na grande maioria
ambiciosos e oportunistas.
- 39 A Maior parte dos elementos que compõem
o fraccionismo não são militantes do
M.P.L.A..
- 45 Houve militantes que se distinguiram no
combate ao fraccionismo.
- 50 O papel decisivo do Camarada Presidente.
- 56 Embora muitos compatriotas não o
queiram perceber que a nossa terra está
cercada de inimigos.
- 61 O expansionismo zaireense está sob a
ordens do Imperialismo.
- 67 So o Internacionalismo Proletário é capaz de
criar o novo mundo.
- 73 Contribuir para a criação do homem novo.
- 78 Os problemas das Forças Armadas estão
ser resolvidos.



O COMANDANTE HENRIQUE TELES CARREIRA "IKO", MEMBRO DO BUREAU POLÍTICO DO M.P.L.A., E MINISTRO DA DEFESA DA REPUBLICA POPULAR DE ANGOLA.

NASCERAM
NA LUTA
GUERRILHEIRA

O Comandante Henrique Teles Carreira " Iko ", membro do Bureau Político do M.P.L.A. e Ministro da Defesa da Republica Popular de Angola, no terceiro Aniversário da constituição das heróicas F.A.P.L.A., concedeu a " Verde Olivo " uma entrevista na qual se refere ao surgimento de desenvolvimento das Forças Armadas Angolanas.

Entrevistas de Sara Piloto e Armando Lopez, publicado em "Verde Olivo em missão Internacionalista", nº 42 - 1ª Quinzena Agosto 77.

NASCERAM NA LUTA GUERRILHEIRA

V.O. : Comandante, no próximo Primeiro de Agosto comemorar-se-á o terceiro aniversário da constituição das heróicas FAPLA. Se fizesse um balanço destes anos decorridos, que diria e que aspectos destacaria como os mais significativos ?

R. : As nossas forças armadas regulares são a consequência lógica do processo de evolução das unidades guerrilheiras.

No 1º de Agosto de 1974, constituíram-se as Forças Armadas de Libertação de Angola (FAPLA)

com as novas estruturas correspondentes à situação militar que se apresentava.

Era a ultima fase da luta guerrilheira, previa-se já a solução da independencia e era necessário tomar esta medida para enfrentar a pressão do imperialismo que intentava destruir o MPLA e evitar a sua asçenção ao poder.

Durante a luta de libertação as nossas unidades guerrilheiras foram crescendo.

Dos primeiros grupos integrados por 6, 7 a 10 homens chegaram a formar-se unidades de 30, 50 e mais homens, integraram-se as companhias e batalhões, e estas estruturas nos iriam perspectivar a transformação em exército regular, posteriormente.

Com estas estruturas chegámos à etape de transição que se caracterizou pelas grandes confrontações com os fantoches da Unita e FNLA, os mercenários e o exército da África do Sul. Depois da Independência - 11 de Novembro 1975 - estabeleceram-se acordos com Cuba e a União Soviética para desenvolver e aperfeiçoar as forças armadas com estrutura de Exército, Força Aérea e Marinha de Guerra.

Também se visava aperfeiçoar as da Defesa Popular e a Polícia, como forças armadas complementares.

Elaborou-se um plano Quinquenal que se leva actualmente a cabo e adquiriu-se a técnica e armamento de acordo com a nova realidade.

Fez-se um grande esforço para formar os quadros militares necessários, para isso contamos com escolas onde se preparam oficiais, especialistas menores e comissários políticos. Outros formam-se nas Academias Militares em Cuba e na União Soviética.

Avançamos na criação efectiva das forças armadas regulares, capaz de coordenar e dirigir as operações militares em território nacional, defender a integridade territorial do nosso País, e inclusive, se for necessário, prestar a ajuda internacionalista aos povos que ainda lutam pela sua independência e contra o racismo aqui na África Austral.



O Comandante Henrique Teles Carreira " Iko "

V.O. : Poderá referir-se à etapa guerrilheira durante a primeira guerra de libertação nacional contra a dominação colonial, assim como a preparação combativa e organizativa em que se encontravam as FAPLA no momento da proclamação da Independência, aos 11 de Novembro de 1975?

R. : A luta guerrilheira iniciou-se em 1961, é rica em experiências e muito diversa a sua história. Surge com algumas certas divisões no seio das populações que participam na insurreição, fundamentalmente no Norte do País.

Esta foi alimentada pelo imperialismo e acompanhou sempre a luta.

O MPLA teve de manter um combate constante com as organizações que deviam lutar pela independência, mas que na realidade serviam o imperialismo.

Tal é o caso da " União das Populações de Angola" (UPA), depois "Frente Nacional de Libertação de Angola" (FNLA), a "Frente de Libertação do Enclave de Cabinda" (Flec), cujo objectivo era a secessão de Cabinda e entregar

as suas riquezas à voracidade das empresas transnacionais.

Toda a história guerrilheira esteve condicionada por esta situação e a nossa organização revolucionária encontrou sempre grandes dificuldades para utilizar as fronteiras e abastecer os combatentes no interior do País.

A luta de libertação realizou-se, portanto, com grandes dificuldades, enfrentando não só o exército colonial mas também os grupos fantoches, as manifestações obscurantistas e o tribalismo que aumentaram a divisão da população. Apesar da situação anterior, a luta desenvolveu-se com êxito na Primeira Região, e mais tarde abriu-se a frente de Cabinda (Segunda Região Político-Militar), que foi uma grande escola formadora de quadros.

Ali se prepararam os grandes dirigentes político-militares do nosso Movimento, que foram abrir outras frentes no Este e Centro do País, o que possibilitou - a partir de 1966 - a intensificação da luta por todo o território angolano. Constituíamos uma organização político-militar, na qual cada militante era simultaneamente um



combatente, do que surgia uma grande interiorização da responsabilidade em ambos os sentidos.

O nosso Presidente o Dr. Agostinho Neto, era o Comandante em Chefe e o Comité Director tinha uma Comissão Político-Militar, que actuava como Estado-Maior da guerrilha.

Estavamos sempre organizados em grupos, secções, esquadrões, que agora são companhias, de acordo com a nomenclatura clássica.

Estas unidades eram dirigidas por um chefe militar e um comissário político; este último respondia pela formação política e moral combativa das unidades.

A preparação combativa estava condicionada pela situação de guerra, havia uma alta moral, grande dedicação à luta, mas os combatentes tinham pouca preparação militar.

A situação militar criava dificuldades para a preparação dos guerrilheiros ; os centros de instrução eram constantemente atacados pelo inimigo e tinham que estar mudando a sua localização.

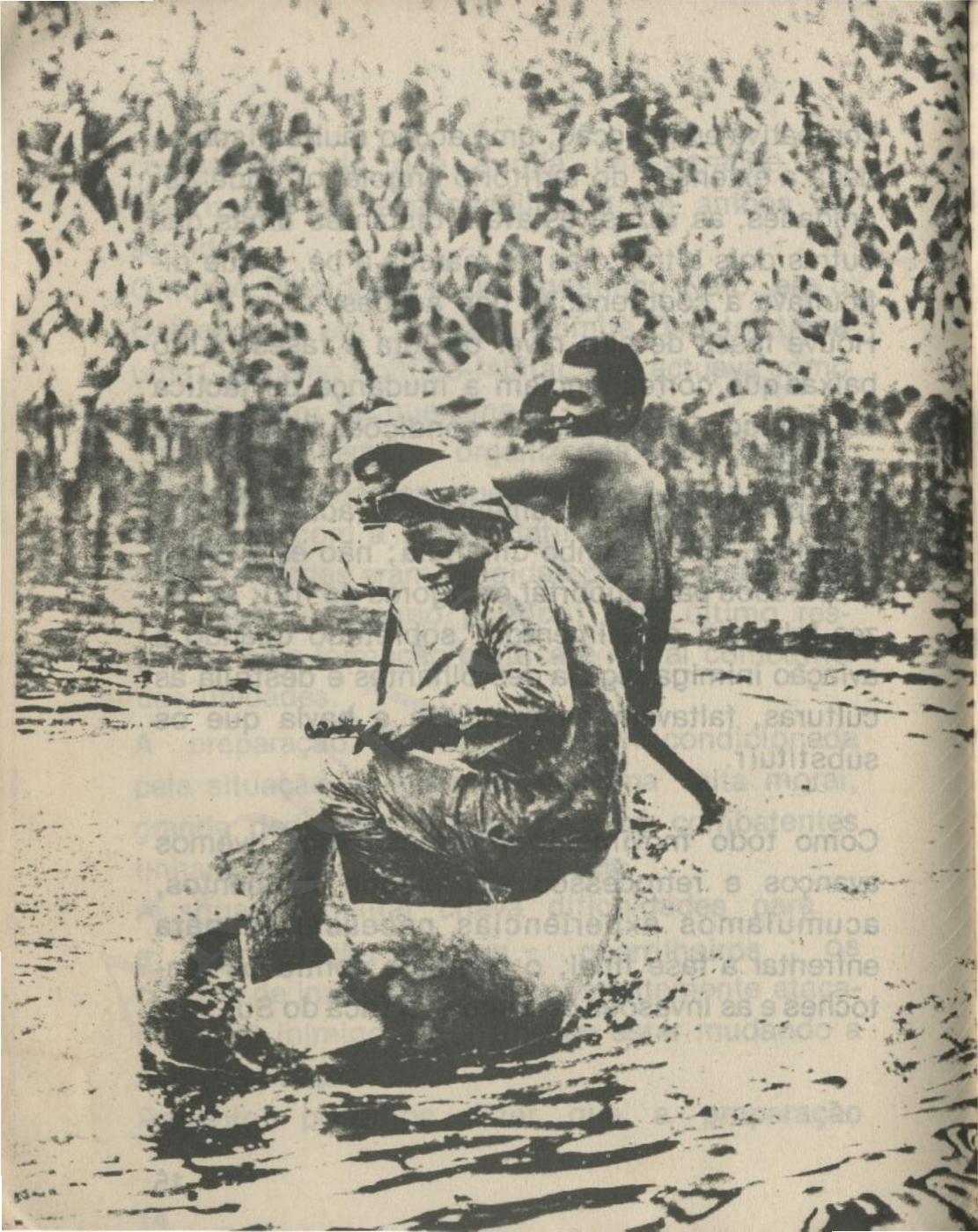
Portanto, podemos dizer que a preparação

combativa era a acção, uma acção muito dispersa dada a extensão do território angolano, onde as unidades, às vezes, estavam distantes umas das outras dois a três dias de marcha a pé, o que dificultava a coordenação das acções.

Houve fases de alto nível de luta e fases muito baixas que correspondiam a mudança de tática do inimigo e às próprias condições naturais do terreno.

Na época da chuva aumentava a actividade da guerrilha, no "cacimbo diminuía; não estávamos preparados para suportar os rigores do frio; às vezes faltavam os alimentos; sobretudo quando a aviação inimiga regava desfolhantes e destruía as culturas, faltavam os produtos e havia que os substituir.

Como todo movimento revolucionário, tivémos avanços e retrocessos em alguns momentos, acumulámos experiências necessárias para enfrentar a fase final, o combate contra os fantoches e as invasões do Zaire e África do Sul.



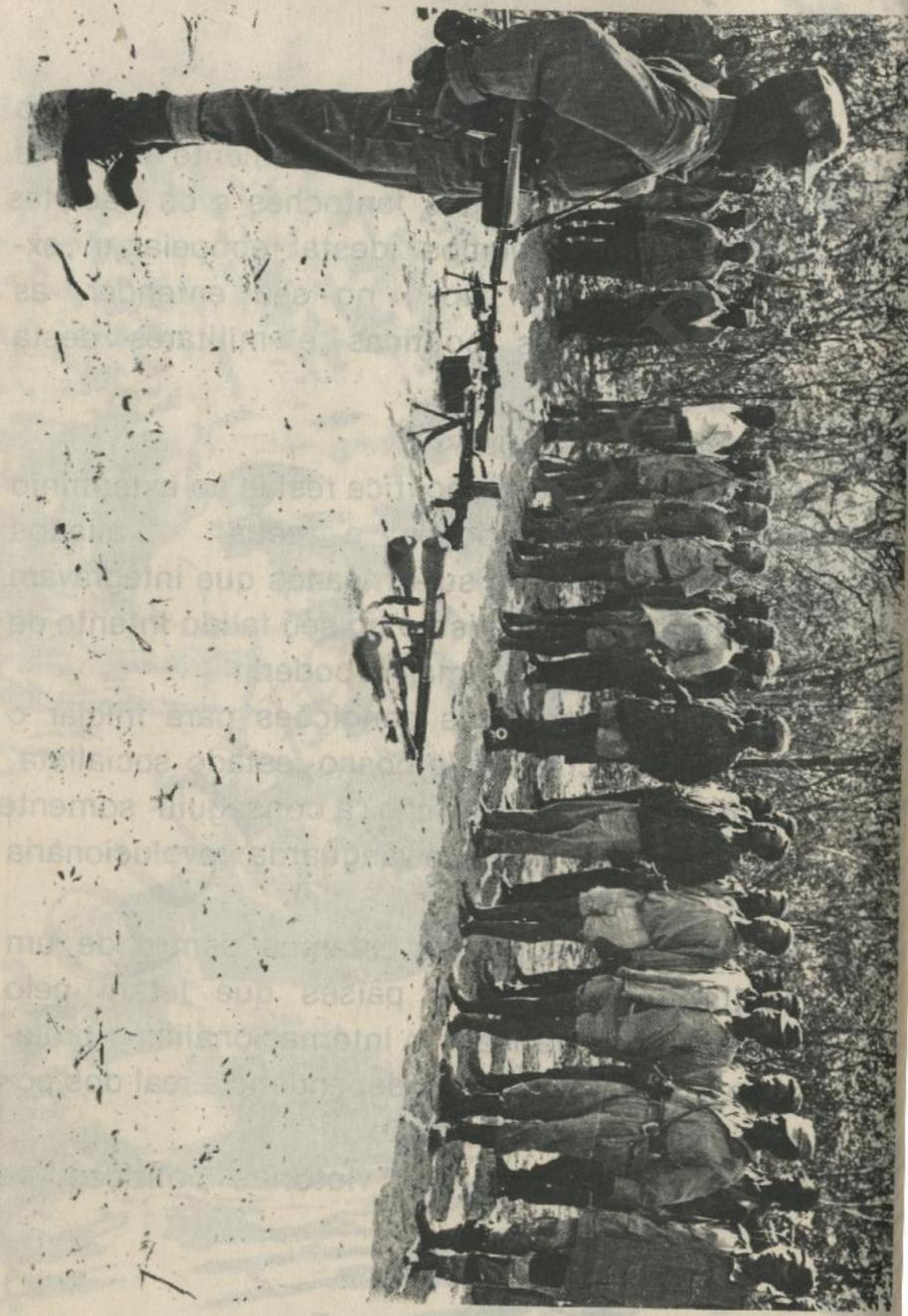
V.O : Durante a Segunda Guerra de Libertação as FAPLA enfrentaram victoriosamente as forças mercenárias, os grupos fantoches e os racistas sul-africanos. Falemos desta epopeia e expressemos quais são , no seu entender, as maiores victórias políticas e militares desta contenda.

R. : A grande victória política reside no exterminio dos grupos fantoches e seus aliados zaienses e racistas sul-africanos que integravam o avanço do imperialismo no seu falido intento de impedir ao MPLA tomar o poder.

Esta victoria criou as condições para iniciar o processo de criação do nosso estado socialista. Claro que esta victória não a conseguiu somente o povo angolano e a sua vanguarda revolucionária o MPLA.

Ela foi possivel porque estamos dentro de um conjunto de povos e países que lutam pelo socialismo, praticam o internacionalismo proletário e combatem pela independência real dos povos e contra a exploração.

Estas são algumas das victórias políticas, ve-



jamos as militares.

A primeira grande vitória militar foi expulsar de Luanda os grupos fantoches, a batalha de Qui-fangondo e de Ebo.

Podemos dizer que a batalha de Ebo determinou a retirada dos sul-africanos.

Com a retirada dos racistas sul-africanos, a UNITA, a FNLA, e todos os fantoches perderam o grande apoio militar que pensavam utilizar para tomar Luanda e se instaurarem no poder.

v.O. : Como se está realizando a transformação das velhas estruturas para esquemas mais complexos, próprios dumas Forças Armadas regulares e à técnica moderna ?

R. : O primeiro passo importante para estabelecer as novas estruturas foi a criação do Estado Maior das FAPLA.

Este organismo foi criado para dar corpo à nova organização adoptada no exército regular de tipo

clássico.

É o organismo que realiza as mudanças necessárias e a medida mais importantes para a transformação das forças armadas.

Criaram-se as brigadas como unidade de base antigamente chegavam até batalhão .

Estas brigadas podem estar equipadas com técnicas como os canhões de artilharia de campanha até aos tanques entregues pela União Soviética.

Desde os primeiros meses de independência adoptaram-se estruturas de acordo com o Bureau Político do MPLA, destinadas a dotar Angola de forças armadas capazes de responder pela defesa do País.

As nossas estruturas não são diferentes às dos exércitos dos países socialistas, só que nós estamos no início, mas estamos dando os passos para ir dominando a técnica pouco a pouco, segundo o nível de complexidade.

Contamos com a experiência dos acessórios dos exércitos amigos de Cuba e da União Soviética. O nosso armamento é o standart dos países socialistas e temos sem dificuldade alguma as



técnicas e munições necessárias.

Faltam-nos quadros militares e se não avançamos mais é porque, simultaneamente com a formação das forças armadas, continuamos a luta contra os grupos fantoches que ainda se encontram em algumas zonas do país.

As maiores dificuldades estão na criação da Marinha de Guerra e a Força Aérea, que necessitam de quadros com certo nível de instrução. Não obstante contamos com dirigentes militares de grande experiência de combate e grande capacidade de assimilação das novas técnicas. São os que participaram na luta guerrilheira e participam hoje na construção das novas forças armadas.

v.O. : Como se leva a cabo a formação político-militar dos quadros das Forças Armadas ?

R : A formação de quadros realiza-se de acordo com um plano elaborado segundo as neces-

sidades das Forças Armadas.

Temos em Angola uma escola interarmas para a formação de oficiais de infantaria, artilharia de campanha, anti-aérea, tanques e outras especialidades; a escola " Comandante Jika ", para a formação de Comissários Políticos.

Várias escolas de especialistas menores.

Outras especialidades, os quadros para a aviação e a Marinha de Guerra formam-se em Cuba e na URSS.

Realmente a grande dificuldade são os quadros, a técnica moderna que temos, como o T-55, necessitam de uma preparação básica que infelizmente não é fácil encontrar em Angola.

Seria interessante conhecer sobre a participação dos combatentes nos planos da Reconstrução Nacional.

Conforme as FAPLA foram libertando o País, ocuparam-se também em pôr a funcionar as estruturas económicas do país, num e outro lugar ficaram quadros das FAPLA.

Esses homens encontram-se hoje em organismos de Estado, Ministérios e fábricas, participando na Reconstrução Nacional.

Colaboramos também em trabalhos de engenharia e reconstrução de pontes, trabalhos voluntários e planos agrícolas.

Não devia ser tudo, mas nesta etapa é impossível fazer mais.

É a defesa nacional o que permitirá a realização da Reconstrução Nacional.

Assim que se faça uma chamada aos jovens em idade militar para cumprir o Serviço Militar Obrigatório, estes terão a oportunidade de se formarem dentro das forças armadas e uma vez concluído o seu serviço poderão ser mais úteis para os planos de Reconstrução Nacional.

Os quadros da Marinha e da Força Aérea poderão responsabilizar-se depois com alguns postos na indústria.

v.O. : O Comandante em Chefe e Presidente da Republica Popular de Angola, Dr. Agostinho Neto referiu-se em ocasiões diferentes à responsabilidade do Povo Angolano com os movimentos de libertação dos povos da Africa Austral. Como se materializa este principio internacionalista ?

R : É uma constante do nosso Movimento o apoio à luta de libertação dos povos da África Austral.

Antes da independência tivemos relações com esses movimentos de libertação e contribuimos com os nossos ao treinamento dos combatentes revolucionários.

Apoiamos-los com armas e munições, repartíamos o pouco que tínhamos para desenvolver a luta em toda a África Austral.

Também mantínhamos contactos com os movimentos revolucionários das antigas colónias portuguesas donde se realizavam grandes operações.

Essa atitude é um princípio que mantemos, por isso quando o Camarada Presidente se refere à ajuda a esses movimentos está dando corpo a um princípio que foi sempre fundamental para nós. Este é um dever internacionalista.

Consideramos a luta de libertação como um direito fundamental dos povos.

Angola é conhecida em todo o mundo como uma base de movimentos de libertação da África Austral.

Os nossos camaradas de Zimbabwe, Namíbia e

AFRICA do Sul têm aqui sempre uma re-
taguarda segura.

As nossas fronteiras estão abertas aos nami-
bianos, aos combatentes da SWAPO; também
para os do Zimbabwe e África do Sul.

Todos eles têm em Luanda as suas represen-
tações.

Recebem a nossa ajuda e experiência.

A sua luta é a nossa , não podemos consi-
derarmo-nos totalmente independentes enquanto
eles não alcançarem a sua independência.

Nas nossas forças armadas, os combatentes a
todos os níveis estão preparados para, se fôr
necessário e solicitado, combater pela sua li-
bertação.

Cumprir com os nossos deveres in-
ternacionalistas não só com o apoio material, mas
também com a presença física .

Temos em Angola uma experiência de in-
ternacionalismo que nos toca bastante, que é um
modelo para o mundo e que o nosso povo
conhece bem, e essa própria experiência facilita a
mobilização da nossa juventude e a interpretação
do conceito de internacionalismo, que, se
necessário, poremos em prática.



MENSAGEM
DO
MINISTRO DA DEFESA
AS
FORÇAS ARMADAS POPULARES
DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

Proferida na escola de oficiais Cmdte. "Nicolau
Gomes Spencer" no Huambo,

No IIIº Aniversario da Proclamação das FAPLA.



O Comandante Henrique Teles Carreira "Iko",
membro do Bureau Político do MPLA e Ministro
da Defesa da Republica Popular de Angola

Mensagem do Ministro da Defesa às Forças Armadas Populares de Libertação de Angola.

” Oficiais, sargentos, soldados das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola.

Comemoram as Forças Armadas o seu terceiro aniversário em período difícil.

Há bem pouco tempo saímos de uma crise grave que abalou os próprios alicerces da nossa jovem República.

Atingiu as estruturas militares e fez desaparecer alguns dos nossos melhores dirigentes, os seus mais dignos oficiais.

Comemoram as Forças Armadas o seu terceiro aniversário quando graves ameaças cruzam diariamente a fronteira Sul do nosso País.

Tropas racistas sul-africanas enquadrando unidades fantoches, atravessam impunemente a

nossa fronteira com a Namíbia, levando a morte e a desolação ao seio da nossa população indefesa, destruindo as estruturas, sabotando pontes e estradas.

Aviões e helicópteros violam o nosso espaço aéreo usando tropas de comandos, ou fazendo a logística dos fantoches, atentando assim contra a nossa soberania.

Comemoram as Forças Armadas, o seu terceiro aniversário, quando na trincheira da Revolução, na luta contra os inimigos do norte e os do sul, ou na destruição dos bandos fantoches, morrem os melhores filhos angolanos, os militantes mais engajados do nosso Movimento.

Comemoram as Forças Armadas, o seu terceiro aniversário nas vésperas do 1º Congresso do MPLA, plataforma que irá galvanizar os militantes revolucionários e o nosso Povo, porque além da análise do nosso passado de 21 anos de luta, lançará as bases da criação do Partido da Classe Operária, indispensável à construção do socialismo no nosso País.

Comemoram as Forças Armadas, o seu terceiro aniversário, quando nuvens sombrias correm por

publicações diversas, através da radio , com programas de agitação facilitados pela presença dos inimigos de todo o Povo, os fantoches, e pelos comícios.

Toda a montagem da conquista das Comissões Populares Bairros da capital e a criação de um secretariado, era a colocação em prática de uma organização paralela contra o MPLA.

As dificuldades enormes que atravessa o nosso País desde a Independencia e em consequência de todas as vicissitudes de guerra conhecidas - invasões de fantoches, sul-africanos, mercenários, Elps etc. - ridículas formas de contestação por grupos pseudo-revolucionários e aventureiros do tipo da Oca, dos Cacs, da Revolta Activa e outros, todas essas dificuldades serviram de pasto à verborreia dos bandidos fraccionistas.

Ao mesmo tempo, a quebra quase total, e paralisação em muitos casos, da produção, a falta de técnicos, uma certa indisciplina habilidosamente instigada no seio das Forças Armadas - sensíveis aos argumentos falsos devido à sua própria e difícil condição de vida - também foram aproveitados pelos activistas do fraccionismo.

Estes são na sua maioria regressados das prisões coloniais onde, por furto ou banditismo diverso, tinham entrado pouco antes do 25 de Abril.

Muitos outros são provenientes do vício, do crime diário para a sobrevivência no mundo terrível da exploração colonial.

No seio das Forças Armadas os chefes do fracção, alguns com um certo renome criado depois do 25 de Abril, devido ao desconhecimento da sua acção real na luta, devido à impossibilidade de muitos contactos durante a guerra acapararam-se do Comissariado Político e de outras estruturas militares.

Através e a coberto dos chamados centros de estudo políticos desenvolveram intensa actividade clandestina de aliciamento, primeiro individual e depois, mesmo, tentativas de mobilização de unidades para os seus objectivos golpistas.

Toda esta acção era baseada na contestação das hierarquias civis e militares provenientes da guerrilha, considerando os quadros militares combatentes da luta de libertação nacional ultrapassados, política e ideologicamente.



Outra das formas de acção adoptadas era um profundo racismo oportunista, o regionalismo cego, a contabilização de um numero de leituras memorizadas e a recitação manchada e criminosa dos clássicos do marxismo-leninismo.

Face a todos estes condicionalismos reunidos, a falta de funcionamento de uma eficiente rede de abastecimento de géneros de primeira necessidade, os activistas do fraccionismo tinham amplo terreno de especulação livresca.

Apresentando-se como defensores do Povo e da Classe Operária, concentram a sua actividade criminosa e de intrigas, a desprestigiar os dirigentes do MPLA.

Todo o MPLA, o governo, a fim de desprestigiar o Lider, o nosso grande Comandante-Em-Chefe e Presidente do MPLA e da República Popular de Angola, Camarada Presidente Agostinho Neto. Numa primeira fase não se atreviam a atacar directamente a figura do Chefe de Estado, mas cedo compreenderam que não avançariam um palmo se não ligassem a enorme base de apoio popular da Nação ao Camarada Agostinho Neto. Passam então sucessivamente, à utilização das

mais modernas técnicas de destabilização, aos assassinatos clamorosos, os assaltos espectaculares, a intimidação, a sonegação dos bens destinados à população atribuindo ao governo, ao MPLA o vazio que entretanto, iam criando.

Para isso, não hesitam sequer em encontrar culpados aparentes de um encadeado e complexo círculo de sabotagem e minagem da estrutura sócio-política e económica do País.

Quando o clima próprio desta situação lhes parece amadurecido, apresentam-se como a única alternativa, como a única esperança do Povo, para as soluções que se impõem.

Apresentam-se sob uma linguagem cheia de objectivos, sob uma capa falsa e ridiculamente presunçosa, convencendo os ignorantes de que se trata de marxismo-leninismo.



**A MAIOR PARTE DOS ELEMENTOS QUE
COMPÕEM O FRACCIONISMO NÃO SÃO
MILITANTES DO M.P.L.A. .**

As estruturas do MPLA e do Governo iam sendo sistematicamente minadas, infiltradas pelos corruptos, pela incompetencia, para que ela servisse ao aumento da confusão e do fraccionismo.

Aliás, à medida que o processo de esclarecimento vai avançando, podemos verificar na realidade não se trata de um fraccionismo interno no MPLA. É mais uma penetração de elementos no seio do

MPLA para dividi-lo e destruí-lo por fim.

Importa não esquecer que a grande maioria dos elementos que compõem o fraccionismo, não são militantes do MPLA.

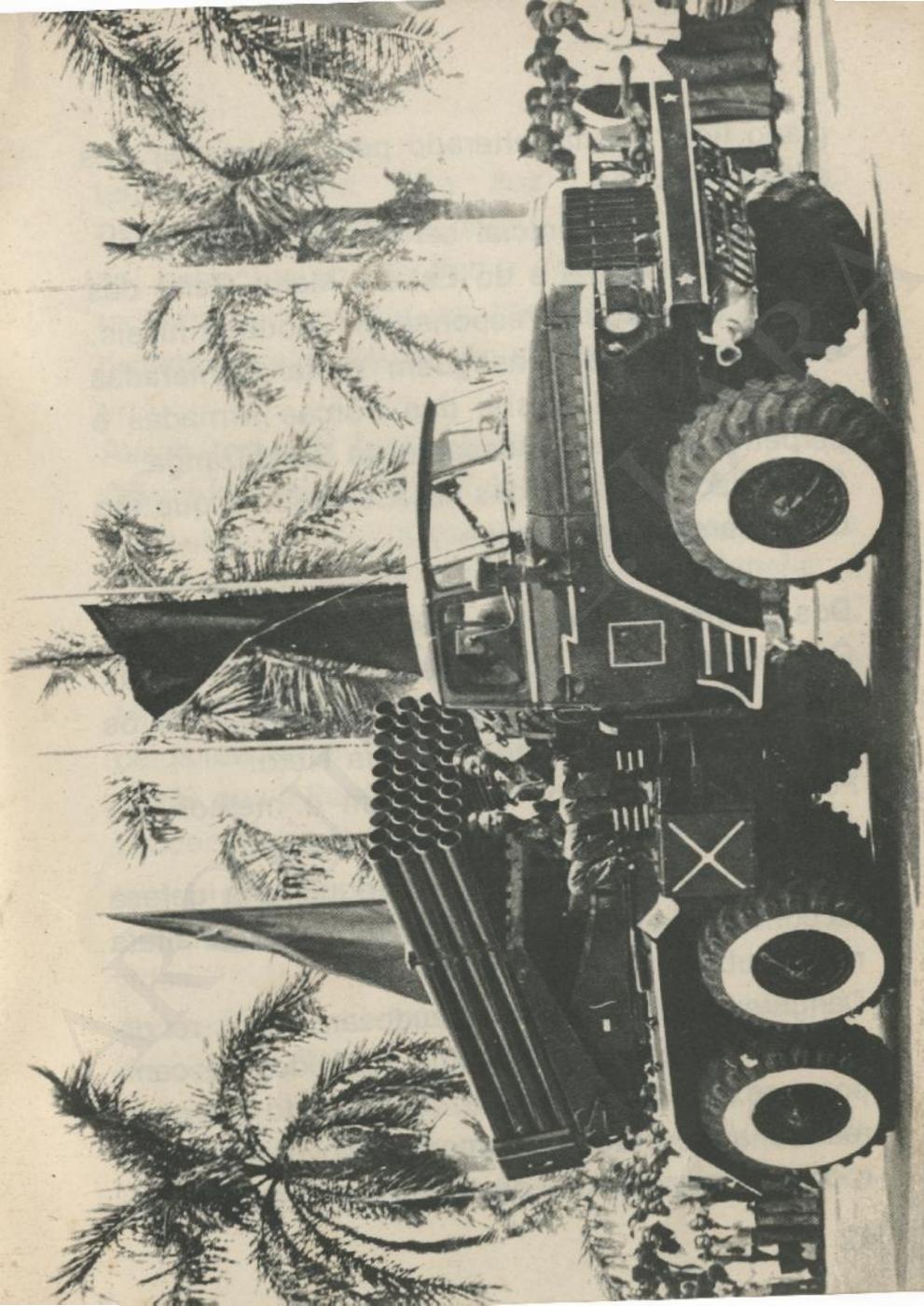
Os seus chefes, aliciados ou convictos pela sua prática corrente diária e anti-estatutária, havia muito tempo que tinham rompido com a condição de militantes e só conservavam os seus cartões.

O afastamento dos dois principais caudilhos fraccionistas do Comité Central, se bem que aí permanecessem outros, reduzia as possibilidades e o espaço político do fraccionismo, pelo que só lhes restava o recurso às armas.

Planeam o golpe e partem para a tentativa da sua execução, na famigerada madrugada do 27 de Maio.

Os factos são conhecidos: tomada da Radio, precedida do assalto à prisão de S. Paulo e de violência sobre a população para a obrigar a participar numa manifestação que exigiria a intervenção das Forças da ordem revolucionárias com consequente divisão do povo, das FAPLA e do MPLA.

Perpetram o massacre do Sambizanga dentro do



plano ligeiramente alterado pelo desenrolar dos acontecimentos.

De facto, a ideia inicial seria o massacre total do Comité Central e do Estado Maior Geral das FAPLA e de alguns responsáveis a outros níveis. Os fraccionistas conseguem raptar camaradas Comandantes gloriosos das Forças Armadas e perpetrar o odioso massacre de Sambizanga. Quem são os camaradas assassinados e que tão dolorosamente perdemos.?

Dos melhores filhos do povo angolano.

Os Comandantes Dangereux, N'Zagi, Bula, Eurico Gonçalves, O Major Saidy Mingas, e os camaradas Hélder Neto e Garcia Neto.

Foram companheiros que deram o melhor das suas vidas pela independência nacional.

Estavam empenhados, como ninguém, na defesa da construção de uma sociedade livre e socialista na Republica Popular de Angola.

Dangereux, que todos saudosamente recordamos, filho de uma familia humilde, de camponeses do leste de Angola, exemplo do que pode realizar a Revolução; homem novo, despido de todos os complexos, de todas as formas resul-

tantes de uma vida sob a exploração; Dangereux ultrapassou todas as barreiras, todas as negações, o tribalismo, o regionalismo e o racismo; ultrapassou os complexos de classe e projectou-se na Revolução como um Homem Novo.

Assim foram N'Zagi e Bula.

Crescidos dentro do MPLA, para onde vieram ainda muito jovens, pioneiros, verdadeiros filhos da Revolução a quem deram tudo: a infância, a juventude, a coragem, o amor pela Pátria e, finalmente, a própria vida.

Mingas e Eurico, companheiros da certeza da luta pelos ideais revolucionários mais nobres, homens novos que à Pátria deram a vida.

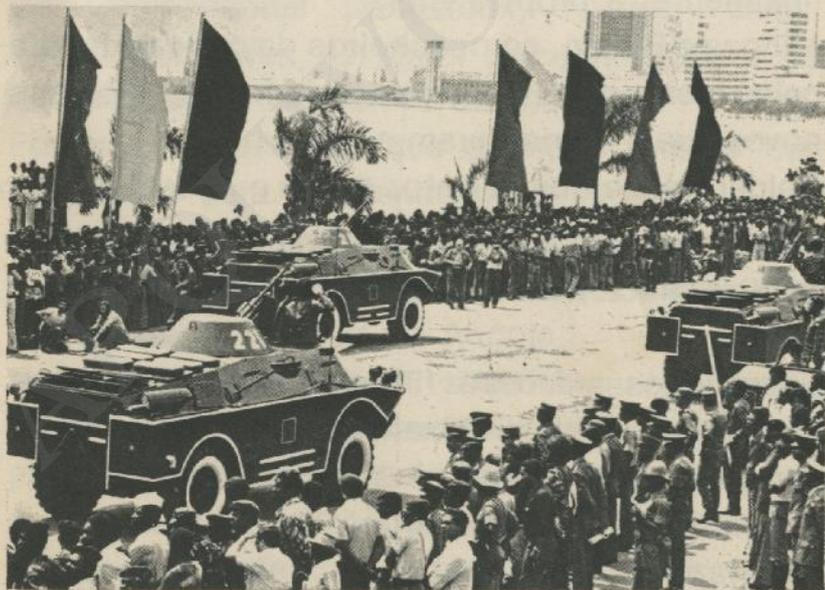
Helder Neto e Garcia Neto: desde o "4 de Fevereiro nas prisões do fascismo português; a sua fidelidade revolucionária oferece o exemplo das suas vidas.

Quase todos deixam filhos de tenra idade.

As esposas e filhos deixam a grandeza dos seus nomes e à eternidade as suas memórias.

Foram estes, entre outros, os militantes, os angolanos assassinados pela camarilha

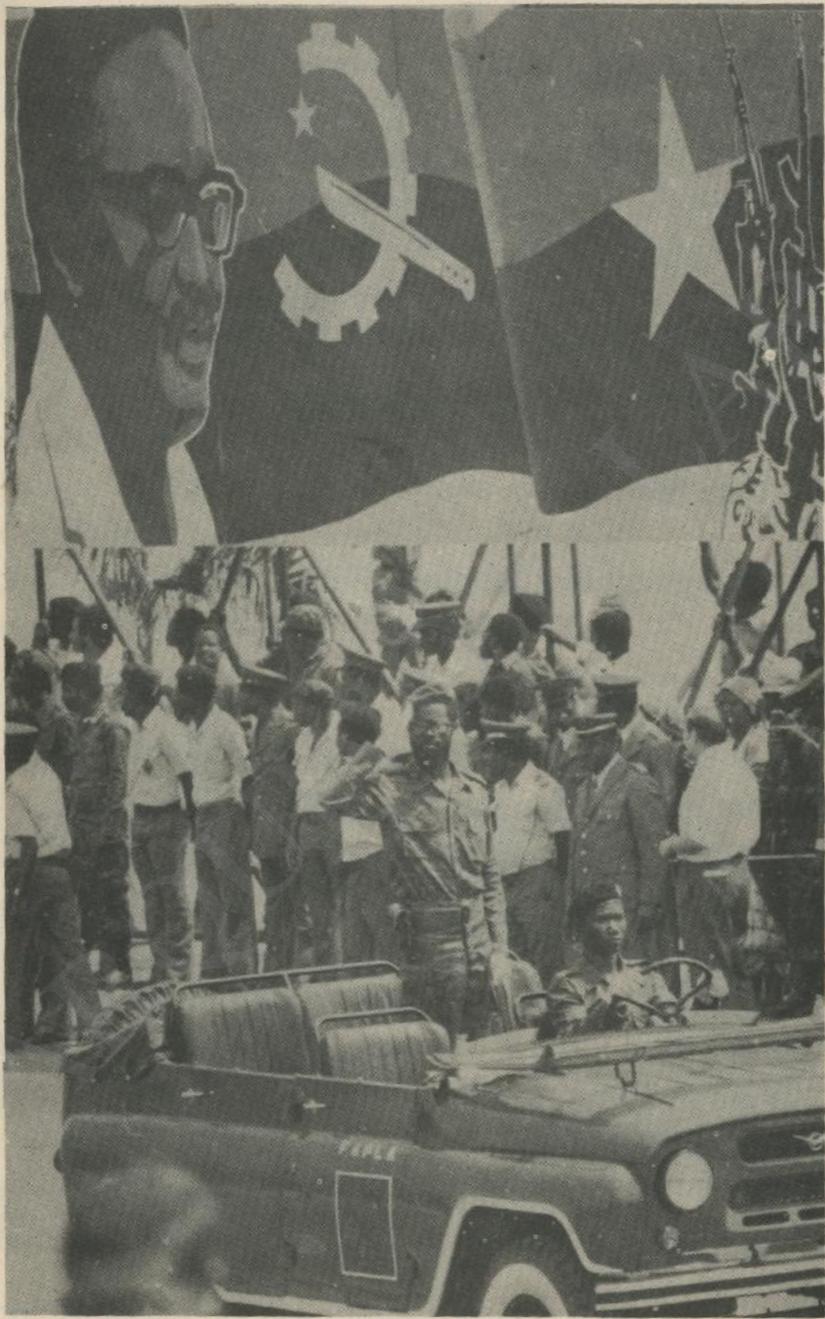
sanguinária dos falsos defensores do Povo.
Graças à vigilância popular, graças à determi-
nação dos combatentes das FAPLA, graças
aos militantes verdadeiros, graças à coragem e
decisão demonstrados por muitos e valorosos
camaradas, o golpe fracassou.
Foi duro e muito alto o preço pago pela vitória
da Pátria, das conquistas revolucionárias e da
opção socialista.
Mas o MPLA e o povo inteiro saíram reforçados
desta dura prova.
Reforçados porque mais unidos, mais coesos, e
mais livres, de Cabinda ao Cunene.



HOUVE MILITANTES QUE SE DISTINGUIRAM NO COMBATE AO FRACCIONISMO

Desde a primeira hora que se ofereceram, desde os mais recônditos lugares do território nacional, militantes de unidades militares para combater os fraccionistas onde quer que estivessem e fossem quem fossem.

Militantes houve que se distinguiram neste período pela firmeza e clareza nas análises e nas decisões, pela iniciativa na luta e na solução dos problemas que a todo o momento esse combate impôs, pela acção corajosa e dinâmica que realizaram.



Uns são já conhecidos, pois deles fez menção a nota informativa do Bureau Político.

Mas há muitos mais que nós não podemos esquecer.

Camaradas que desde a primeira hora compareceram nos locais do Ministério da Defesa, pondo-se à disposição para qualquer missão, das quais muitas vezes, tomaram eles próprios a iniciativa.

Os camaradas do DOM/Regional, e do D.O.R. com especial relevo para a acção dos cdas. Mendes de Carvalho e Beto Van-Dúnem.

Os camaradas do Governo, dos quais nos lembramos do cda. Pacavira, do cda. Boavida, do cda. Lukoki e outros.

Dos cdas. Comandantes Ndozi, Ndalú, Toca, dos Majores Ngakumono, o Tenente Tinho, o Major Kamú e muitíssimos outros.

Os camaradas da Imprensa, Radio, Televisão, sendo de destacar o N'Dunduma e o Rui de Carvalho. Todo o Comité Central, sem excepção.

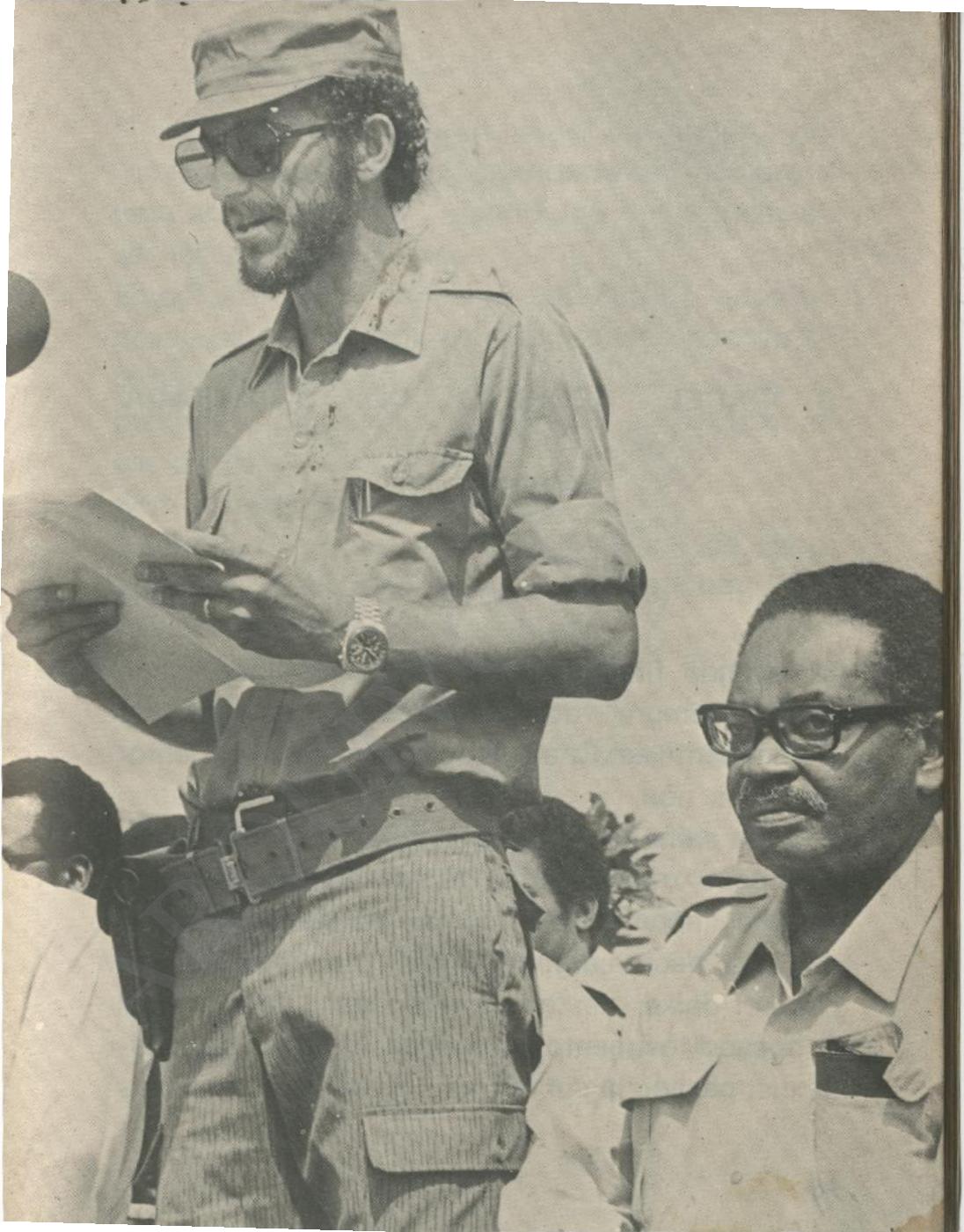
Todos unidos à volta do Camarada Presidente, vivemos horas amargas, mas gloriosas, no combate



à tentativa de golpe.

Os camaradas das Províncias, das Regiões Militares, em especial relevo para os chefes militares da III e da V Regiões.

Os militares e trabalhadores do Ministério da Defesa, do Estado Maior Geral, que foram garantindo a permanência, sempre prontos, para qualquer missão, sem olhar a fadigas e a sacrifícios.



O PAPEL DECISIVO DO CAMARADA PRESIDENTE

Queríamos finalmente referir o papel decisivo, como sempre do Camarada Presidente e Comandante em Chefe, Agostinho Neto, o melhor de todos nós.

Embora saiba perfeitamente quanto é difícil falar do nosso querido Presidente, porque seremos sempre incompletos, como militante e como soldado, neste cargo de Ministro da Defesa, não poderei deixar neste momento de o fazer.

O nosso Movimento, nos seus 21 anos de existência, passou já por outras e graves crises, todas

elas afinal fruto do oportunismo de alguns, dos desvios da orientação, que os levam sempre à fuga ao centralismo democrático e os põem ao serviço do imperialismo.

Embora o MPLA não seja um Partido adoptou desde há muito, uma estrutura quase partidária. Seguindo sempre uma linha marxista, os seus mais altos dirigentes, para o serem deviam abraçar o marxismo-leninismo.

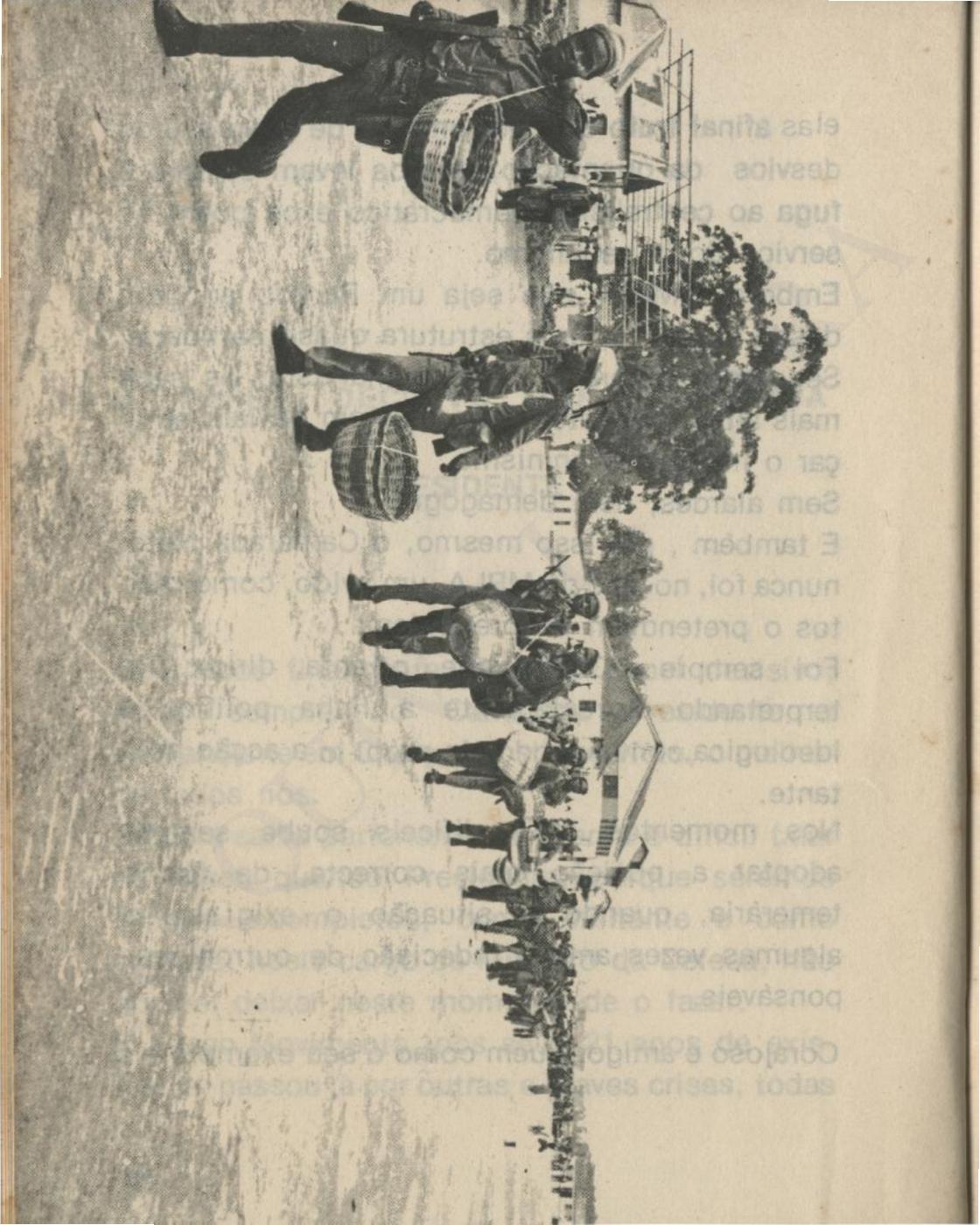
Sem alardes, nem demagogia.

E também, por isso mesmo, o Camarada Neto, nunca foi, no seio do MPLA, um ávido, como muitos o pretendiam ou pretendem.

Foi sempre o Chefe que orienta, dirige, interpretando correctamente a linha política e ideológica, comandando ele próprio a acção militante.

Nos momentos mais difíceis soube sempre adoptar a posição mais correcta, de forma temerária, quando a situação o exigisse e algumas vezes ante a indecisão de outros responsáveis.

Corajoso e amigo, quem como o seu exemplo e a



seu lado aprendeu no estudo e na acção a ser militante, a ser guerrilheiro, melhor que ninguém compreende a profundidade das suas opções, a justeza da sua prática.

Na simplicidade e modéstia da sua vida familiar, encontramos sempre o companheiro de confidências mais íntimas.

Os que, a seu lado, o ajudaram a criar com olhos secos, mas muitas vezes também, com lágrimas, os edifícios que são a nossa Independência e a nossa jovem República Popular, quando chega a sua decisão, o cumprimento realiza-se sem hesitações, convictos da sua justeza e da certeza da vitória.

E enganam-se os que veem fraqueza no seu espírito paciente, na sua atitude permanente de recuperação dos homens.

Este o procedimento dos líderes perante a tarefa grandiosa como é a de manter a Unidade Nacional, simultaneamente com a orientação socialista.

Nós, os seus velhos companheiros de combate, quando chega a hora das situações graves e das suas decisões corajosas e temerárias, que já sa-

bemos adivinhar, dizemos: " O Kilamba já saiu da trincheira....."

E vamos contra o inimigo, seja qual for o seu potencial, porque sabemos ser essa a única posição correcta.

E, como se diz - deixemo-nos de curvas: quando se desprestigia um dirigente, o Movimento ou o Estado, no fundo, é a figura de Militante e Chefe, do Presidente Neto que se quer atingir.

Todos os fraccionistas e traidores do nosso Movimento actuaram sempre da mesma maneira - atacar este ou aquele responsável, fora das estruturas do Movimento, fugir ao Centralismo Democrático, criticar esta ou aquela orientação, exigir mudanças anti-estatuarias e anti-programáticas, mas poupando sempre o Presidente.

Mas, logo que o seu jogo fosse conhecido, passavam ao seu verdadeiro objectivo: destruir o Camarada Presidente e nosso Comandante em Chefe.

O Camarada Presidente, por vontade dos verdadeiros revolucionários deste País, dos militantes marxistas-leninistas, do Povo, da Nação,

dos soldados, dos sargentos e oficiais das Forças Armadas, está à cabeça do MPLA e do País para concluir a sua obra: a da criação de uma Pátria justa e digna, onde não exista a exploração do homem pelo homem e onde o homem angolano seja um exemplo em África e no Mundo. Não permitiremos que a sua obra seja destruída por ambiciosos e oportunistas, vendidos ao imperialismo, saídos ou não de obscuros organismos clandestinos, cuja militância ninguém pode certificar.



**EMBORA MUITOS COMPATRIOTAS NÃO O
QUEIRAM PERCEBER A NOSSA TERRA ESTÁ
CERCADA DE INIMIGOS**

Soldados, sargentos e oficiais das Forças Armadas :

Sabem vocês, embora muitos compatriotas não o queiram perceber, que a nossa terra está cercada de inimigos.

Inimigos do MPLA, da República Popular de Angola que, por actuarem por procuração, nem por isso deixam de ser perigosos.

O regime racista da Africa do Sul, que tentou

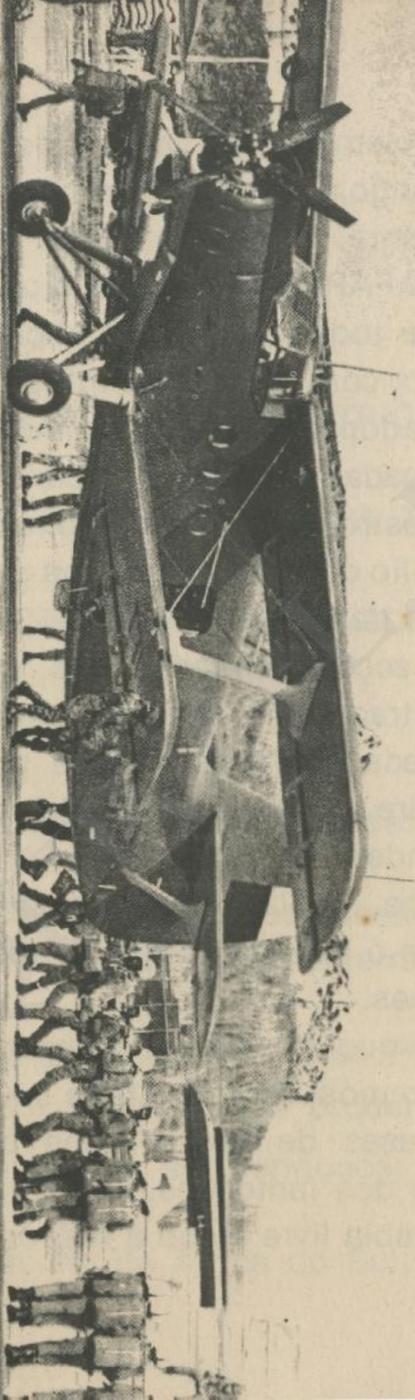
impedir a proclamação do regime democrático e popular em Angola, invadindo o nosso País foi vergonhosamente derrotado pela aliança internacionalista FAPLA—FAR, e a ajuda da União Soviética e de toda comunidade socialista.

Não satisfeito com a derrota infligida, volta à carga, agora adoptando métodos insidiosos das mais aperfeiçoadas técnicas subversivas, na velha tentativa de destruir a jovem República Popular e impedir o auxílio dado à SWAPO, na sua luta pela independência da Namíbia.

Combinando acções armadas das suas forças regulares, infiltrações de comandos com fogo de artilharia pesada sobre as nossas posições da guarda fronteira, destruição de aldeias, mortes de populares indefesos, violação de fronteiras pela sua força aérea, realizando o armamento, o enquadramento e o abastecimento também de unidades fantoches.

Nós sabemos que só com a independência da Namíbia poderemos ter a fronteira sul em paz, e liquidar as bases de treino e os centros de abastecimento dos fantoches.

Só com a Namíbia livre e sob a responsabilidade



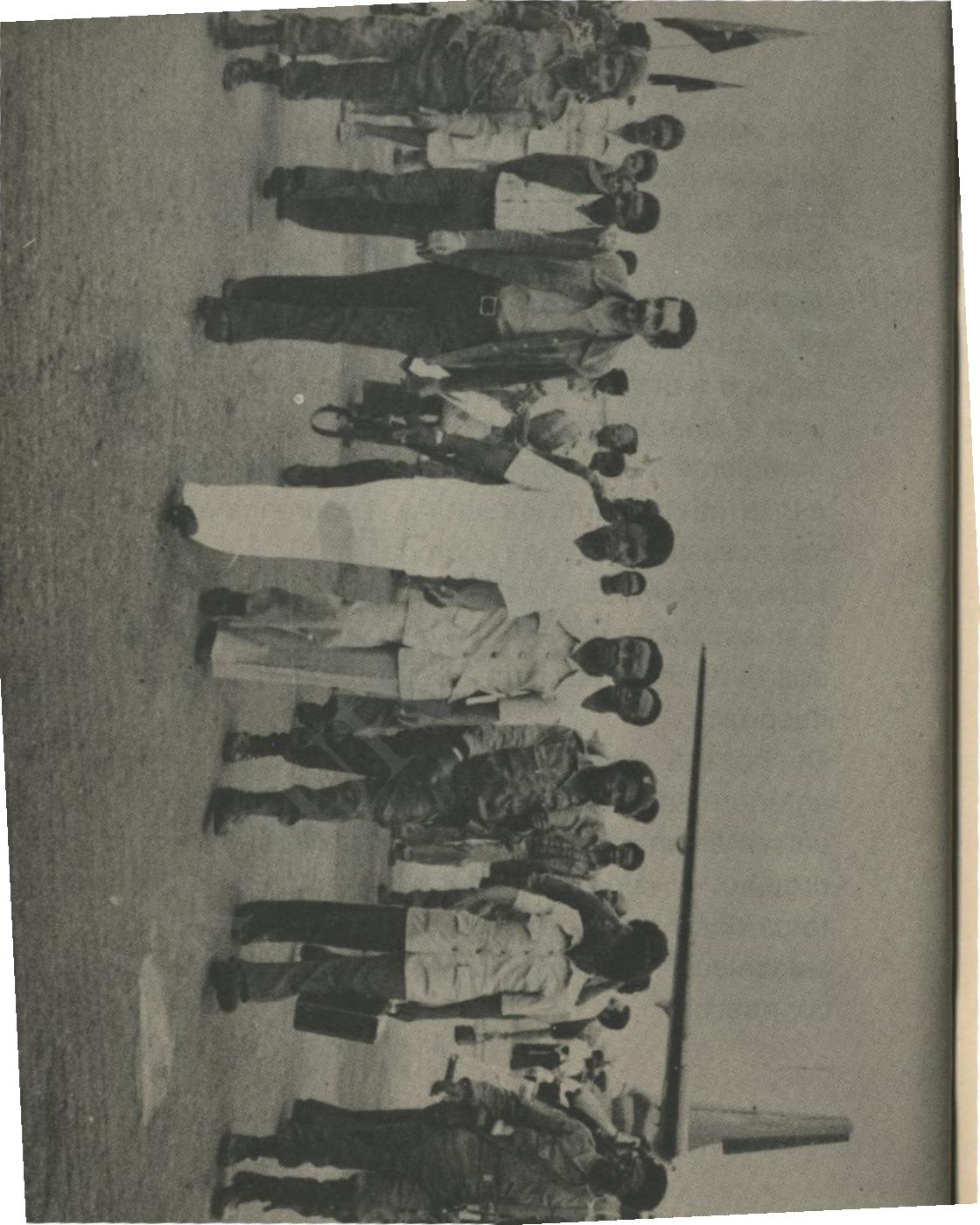
LEARA

dos namibianos e a direcção da SWAPO teremos relações justas e pacíficas na nossa fronteira sul, como as que temos na nossa fronteira com a Zâmbia.

As Forças Armadas devem reforçar a sua preparação combativa e política, aperfeiçoar a organização e a disciplina e cooperando estreitamente com a guarda fronteira e com as outras forças complementares, organismos partidários e administrativos afins, garantir a segurança e a paz nas nossas fronteiras combatendo, se a isto formos chamados, os racistas e fantoches.

E as esperanças que elesvão mantendo na acção dos fantoches, também são vãs e cada vez mais ilusórias.

Os nossos camaradas namibianos, como nós anteriormente, saberão, com o auxílio de todos os países amantes da Paz e da liberdade, abater o orgulho, a vaidade, o mercenarismo, o mito da força dos reaccionários racistas sul-africanos, e estabelecer relações justas, amigas e camaradas, connosco.



O EXPANSIONISMO ZAIRENSE ESTÁ SOB AS ORDENS DO IMPERIALISMO.

Ao Norte e a nordeste, sobretudo na Província de Cabinda, a sombria ameaça e a acção dos expansionistas zairenses, continua.

Apoiando fantoches sessionistas ou actuando directamente, a tropa zairense vai também causando a morte e a desolação na nossa fronteira, numa tentativa vã de sabotar a economia do nosso País , e criar o terror e a desestabilização, são ordens do imperialismo (americano, em especial).

Na área da grande base de Kitona, além de uni-

dades ditas de treino, unidades americanas, há baterias de canhões de 130 milímetros apontadas para Cabinda.

Há brigadas armadas de tanques e blindados que ameaçam a nossa fronteira, há caças e caças bombardeiros, entre eles " Mirages "pilotados por egípcios, que assim ameaçam todo o norte do nosso País, embora nós, se a isso formos obrigados, saberemos defender as nossas fronteiras, a nossa população, a riqueza do nosso País.

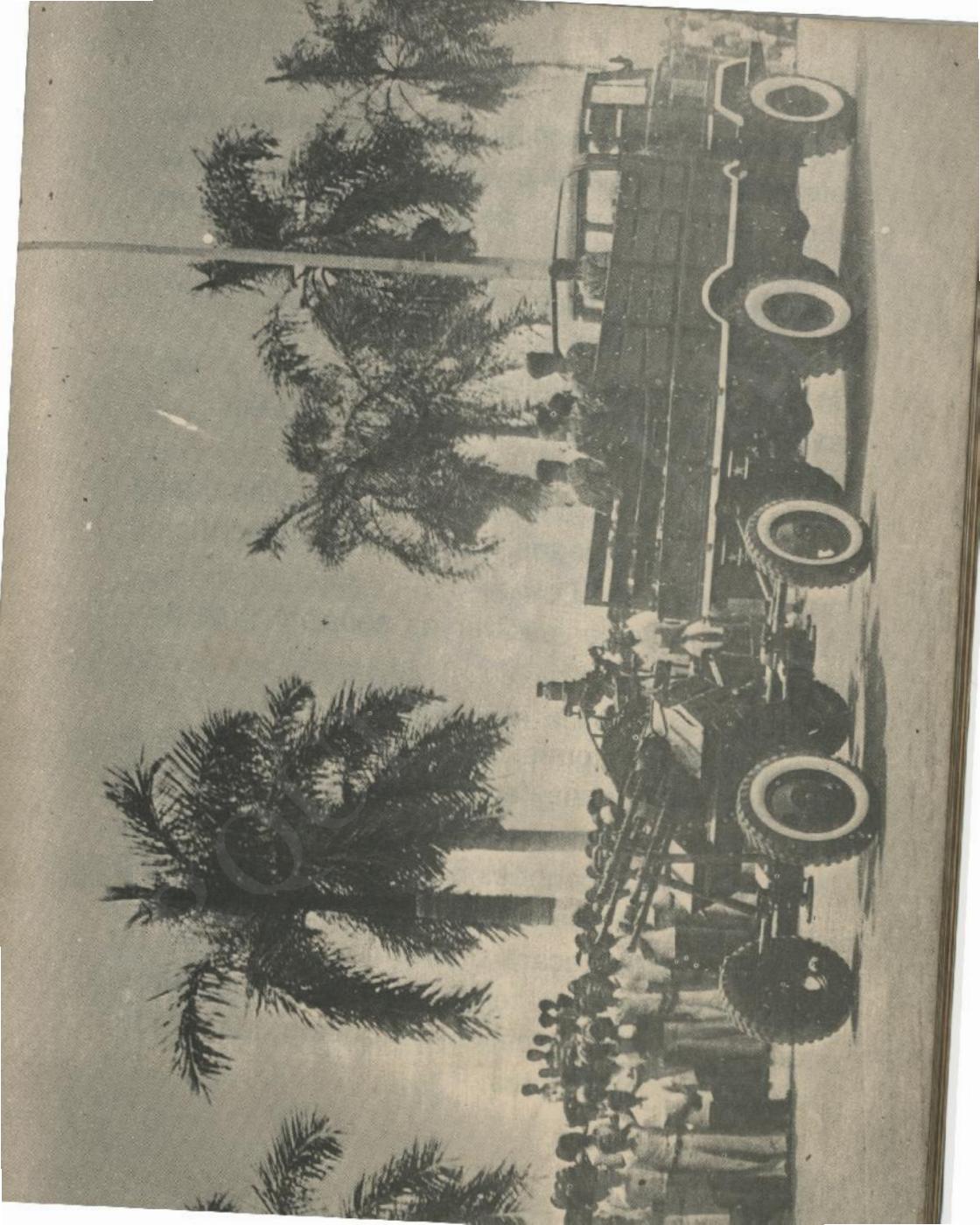
Os nossos soldados , sargentos e oficiais aliam hoje o conhecimento perfeito das táticas da guerra irregular com o conhecimento da técnica moderna e da manobra das forças regulares.

Sabemos defender, como atacar, e temos as armas necessárias que nos foram fornecidas pelo nosso grande aliado que é a União Soviética.

Somos acusados de ajudar a Frente Congoleza de Libertação Nacional.

Mas eu digo: será efectivamente que os revolucionários congolezes necessitam da ajuda de uma Angola a braços com o cerco imperialista, numa luta sem quartel para a Reconstrução?

Não. Os revolucionários congolezes encontram



apoio sim nas populações congolezas que eles defendem e nos meios que foram conseguindo ao longo de tantos anos de preparação e de privações.

A sua luta levou hoje ao exílio no nosso País, centenas de milhar de refugiados.

Ontem, eram os angolanos que, sob o jugo colonial, eram obrigados a refugiar-se além fronteiras.

Hoje, na Angola revolucionária e livre, é aqui para onde vêm refugiados, que tantos sacrificios custam ao nosso Povo.

Que o Zaire saiba resolver os seus próprios problemas.

Angola não ameaça ninguém.

As nossas fronteiras queremos-las pacíficas e seguras para, mais facilmente, continuarmos o grandioso combate pela Reconstrução Nacional. Nós não temos canhões apontados para o Zaire, nem caças bombardeiros nas nossas fronteiras. Que os outros façam o mesmo, porque se for necessário também temos caças bombardeiros, canhões de longa alcance, tanques e, sobretudo, valorosos combatentes.

Os nossos inimigos vizinhos estão certamente entusiasmados com a ofensiva reaccionária em África.

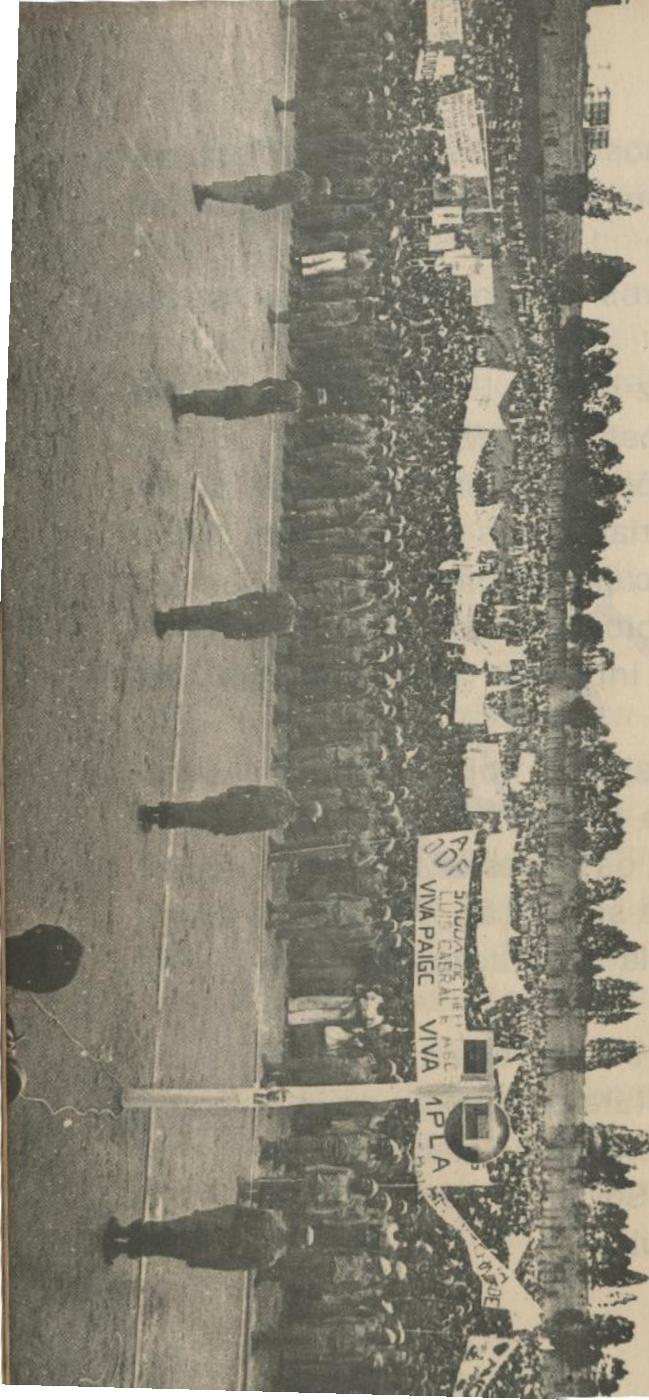
Marroquinos e outros que no Zaire enquadram as forças deste país.

O cerco que se faz hoje à Etiópia, os ataques à Líbia, as incursões em Moçambique e na Zâmbia, são acções combinadas para desestabilizar a África, criar o caos e a desordem dividir para melhor se acaparem das nossas riquezas. Mas as forças revolucionárias estão vigilantes e não se deixarão intimidar pela manobra imperialista.

Países socialistas ajudam hoje, com a União Soviética à frente, a Etiópia.

E na África Central, os países da Linha da Frente e outros combinam a sua acção, reforçando a unidade na luta pela libertação total do nosso Continente.

Comemoramos o 3º aniversário das FAPLA, quase na mesma altura em que o povo irmão de Cuba festeja o aniversário do ataque ao Quartel de Moncada e a União Soviética o 60º aniversário da Revolução de Outubro.



Sem sucessos, os planos de criação das
Forças Armadas de terra, ar e mar vão sendo
Mas tudo isso é o prelúdio da

SÓ O INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO É CAPAZ DE CRIAR O NOVO MUNDO

Os camaradas soviéticos e cubanoš estão trabalhando na organização, na preparação de quadros, e na solução dos problemas diversos do aperfeiçoamento das Forças Armadas e de toda a defesa do nosso País.

Soldados heróicos de Cuba, estão nas nossas próprias trincheiras numa simbiose histórica extraordinária criando o novo mundo que só o internacionalismo proletário é capaz.

Juntos encontramos a inspiração nas lições do marxismo-leninismo.



Juntos encontramos a inspiração nas ideias do marxismo-leninismo.

Sem sobressaltos, os planos da criação das Forças Armadas de terra, ar e mar vão sendo executados, às vezes -devemos confessar- com um certo atraso.

Mas tudo resultante sobretudo das nossas limitações e das imensas tarefas a que paralelamente, somos chamados a cumprir.

Oficiais, sargentos e soldados das FAPLA: um monumento será erguido ao soldado internacionalista", ali onde caiu o nosso saudoso Coronel Arguelles, no Ebo.

E outro à "ajuda internacionalista", na nossa capital.

Assim pensamos que o nosso Povo, as Forças Armadas poderão brindar as gerações futuras, com lugares de meditação e de romagem (à medida da página) internacionalista que se está a escrever no nosso País.

Soldados, Sargentos e Oficiais: estamos na véspera do 1º Congresso do MPLA.

Nas Forças Armadas encontram-se os mais engajados militantes do nosso Movimento e da causa revolucionária do nosso País, alguns che-



fes históricos da nossa Luta de Libertação Nacional -muitos não são mesmo conhecidos da maioria do nosso Povo.

No nosso seio, e sobretudo na época da guerrilha, formaram-se grandes combatentes da causa revolucionária, deram-se os primeiros passos da construção da nova Angola, do Homem novo, da aliança Operário-Camponesa, da verdadeira Unidade Nacional, os primeiros passos para a estrutura partidária.

Foi na guerrilha camaradas onde se deram os primeiros passos, fizeram-se os dirigentes na têmpera da luta armada.

Cabe-nos um papel primordial na construção do socialismo no nosso País.

Somos chamados a participar no Congresso como militantes e a trabalhar pela reafirmação da orientação justa do 3º Plenário do Comité Central, e a formação do Partido da classe operária.

Há bem pouco, há uns minutos ouvimos a alocução do nosso Camarada Comandante-em-Chefe, Agostinho Neto, no Acto Central das comemorações do nosso 3º aniversário.

Em nome do meu Ministério, em nome das Forças Armadas, apelo a todos os camaradas que meditem sobre as palavras do Camarada Presidente. E, como até aqui, que combatam as linhas erradas no nosso seio; que se eleve a disciplina e seguindo o apelo do nosso Camarada Presidente, que participemos todos o máximo na reconstrução nacional.

Relações justas devem ser estabelecidas entre os diferentes ramos das Forças Armadas e as forças complementares, as forças de terra, a Marinha de Guerra, a Força Aérea, a ODP, o Corpo de Polícia Popular de Angola.



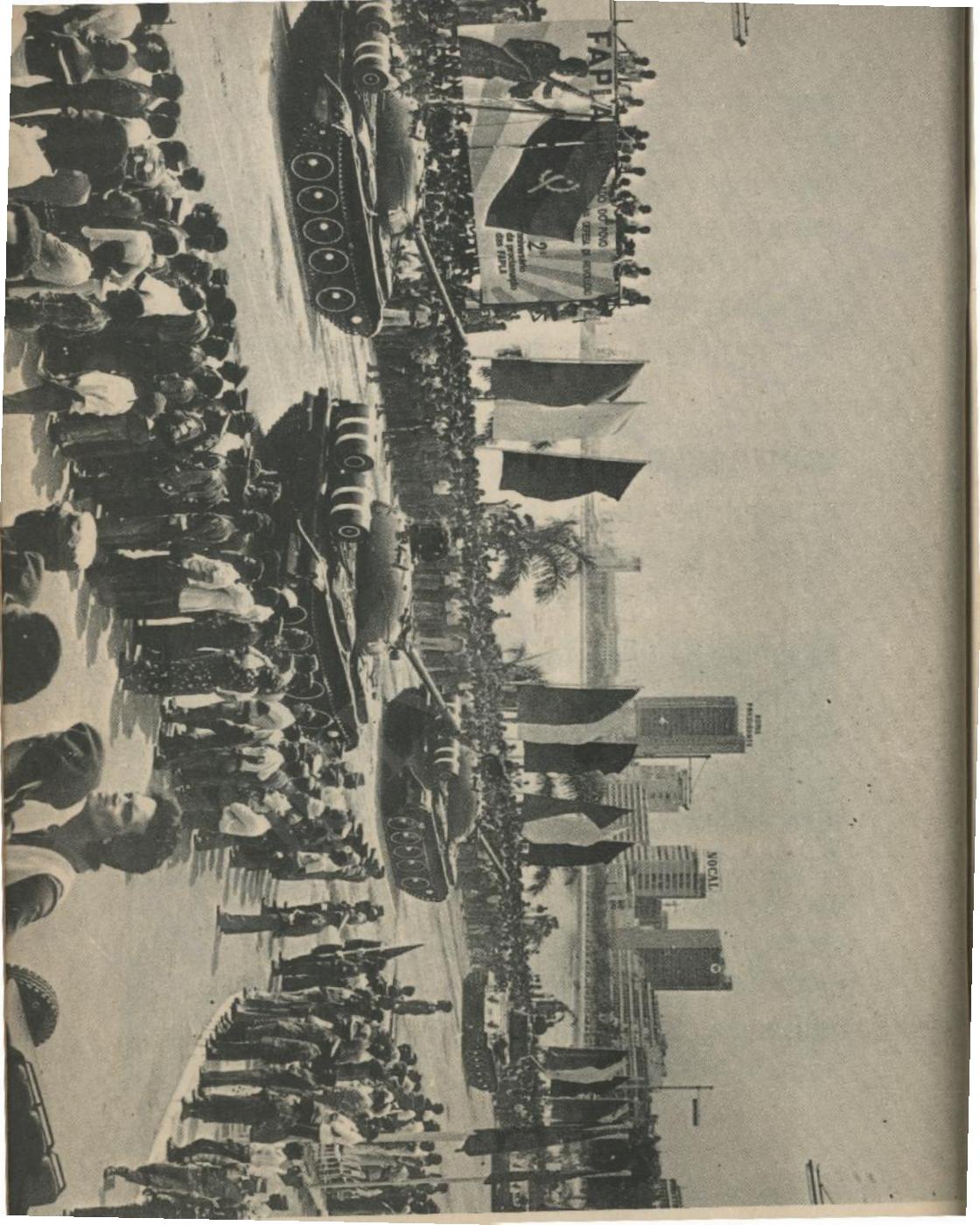
CONTRIBUIR PARA A CRIAÇÃO DO HOMEM

NOVO

Só unidos - porque os objectivos são os mesmos, a Direcção é a mesma - poderemos realmente cumprir com aquilo a que fomos chamados: garantir a segurança interna do País e a defesa da integridade territorial.

E mais, cabe-nos a nós também continuar na criação do Homem Novo.

Os camaradas futuros oficiais desta Escola, nestes meses de instrução, de convivência e de militância, aprenderam certamente o que é o Homem Novo.



O homem que já se desligou das taras deixadas pelo colonialismo no seio do nosso Povo.

O homem que abraça profundamente a opção socialista do nosso Movimento e do nosso Estado, está pronto a combater e a morrer pela causa da libertação total do Povo e do nosso País. Aqui estão a ser instruídos.

Quando daqui saírem, terão que instruir, terão que pôr em prática os ensinamentos que vos foram ministrados pelos professores desta Escola, camaradas Soviéticos, Cubanos que aqui se encontram, muitas vezes em situação difícil, a ajudar-nos e a cumprir o seu dever internacionalista.

Quando saírem daqui, serão Oficiais das gloriosas Forças Armadas Populares de Libertação de Angola, que tantas lições já deram a África e ao Mundo; serão os portadores fundamentais do facho dessa herança, que e a dos quinze anos de luta armada de Libertação Nacional, que é a memória de todos os guerrilheiros que tombaram para que fossemos livres, de todos os oficiais, sargentos e soldados que continuam a tombar para que possamos ser completa e to-

talmente livres.

À medida da vossa responsabilidade caberá, também, a medida da disciplina que vos será exigida.

Gostaria ainda de me referir à utilidade da vossa própria formação.

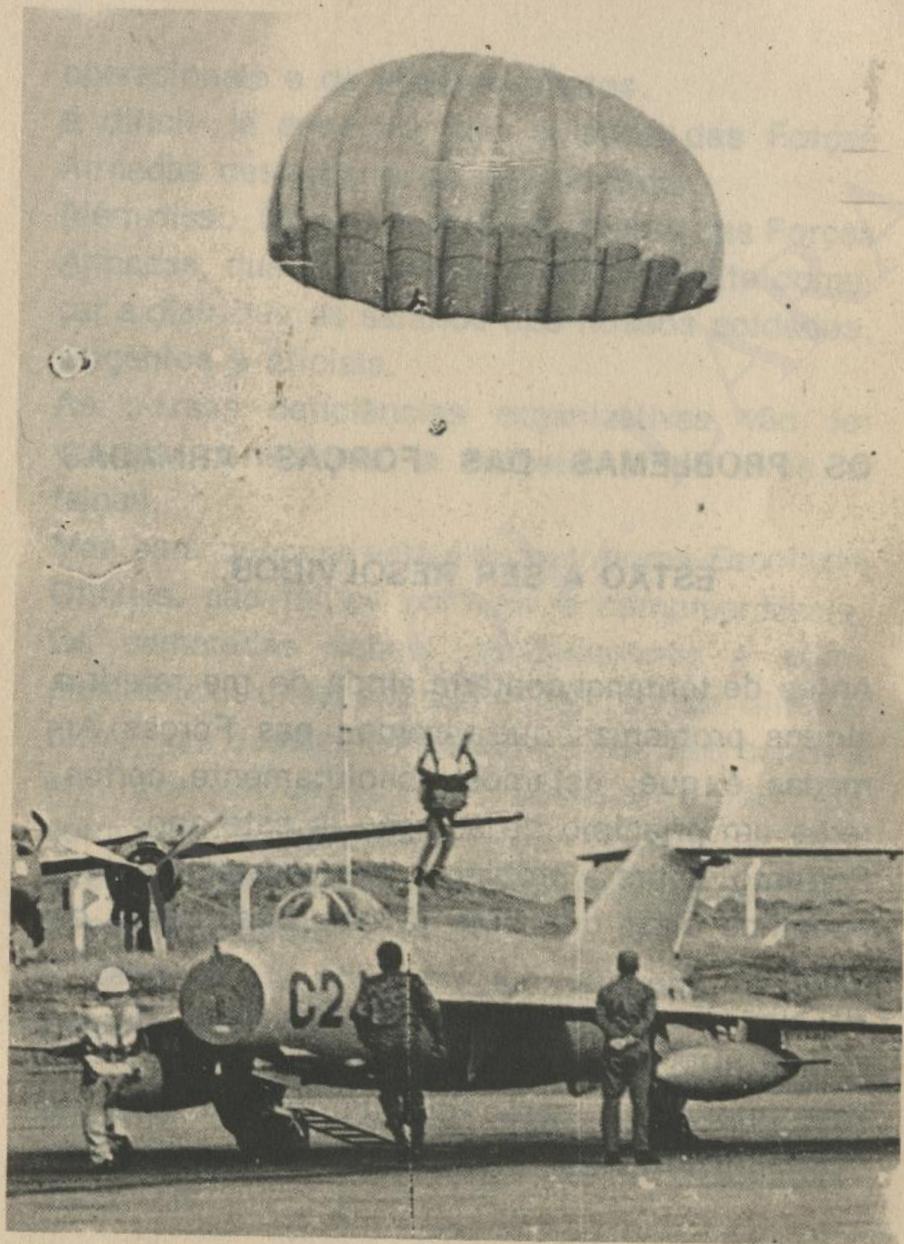
Não pensem que já aprenderam tudo, porque aprenderam muito pouco.

A instrução tem que ser permanente, continua.

Os camaradas deverão esforçar-se, por aprender mais e mais e, sobretudo aprender na prática.

Só assim, poderemos dizer, amanhã, que a Escola "Nicolau Spencer" formou os verdadeiros oficiais das Forças Armadas de Libertação de Angola.





OS PROBLEMAS DAS FORÇAS ARMADAS

ESTÃO A SER RESOLVIDOS.

Antes de terminar, gostaria ainda de me referir a alguns problemas que vivemos nas Forças Armadas e que, estamos absolutamente certos, terão um princípio de solução já este ano.

Portanto, sobre o problema dos abastecimentos, podemos dizer que hoje já não nos faltam os meios.

Há sim uma dificuldade de distribuição.

É uma dificuldade organizativa.

Este ano ainda, serão distribuídas as viaturas necessárias para a solução dos problemas

operacionais e de abastecimentos.

É difícil já encontrar um soldado das Forças Armadas desfardado, ou mal fardado.

Além disso, foi já dotado o orçamento das Forças Armadas, que nos permite imediatamente começar a distribuir os salários dos nossos soldados, sargentos e oficiais.

As nossas deficiências organizativas vão levar-nos, certamente, a cometer ainda erros, a falhas.

Mas para quem se está a instruir numa Escola de Oficiais, são falhas naturais e compreensíveis. Os camaradas sabem perfeitamente a complexidade de uma estrutura militar, o quão difícil é formar um quadro, como sabem também como e em que situação de obscurantismo os colonialistas deixaram o nosso Povo.

São limitações compreensíveis, mas, as decisões foram já tomadas.

E cabe-nos a nós, Forças Armadas, a responsabilidade de as fazer cumprir.

Decidimos organizar ainda este ano as Escolas Militares para pioneiros, sobretudo para os nossos pioneiros, aqueles que fizeram a caminha-

da dos últimos anos de guerrilha ou da Segunda Guerra de Libertação atrás das unidades das Forças Armadas.

Vamos seguir o exemplo, que tão bem conhecemos, das escolas de pioneiros de Cuba, os "Camilitos". Teremos aí, também, o apoio dos nossos camaradas cubanos.

Pensamos que a partir dessas escolas se formarão, se criarão os futuros cadetes, os futuros quadros das nossas Forças Armadas, formados nos princípios de um exército forte, unido, de um exército militante, de um exército que está aqui para ajudar na construção e na defesa do socialismo.



F. A. P. L. A.



Forças Armadas Populares de Libertação de Angola

AC-06-C14

226

MINISTÉRIO DA DEFESA
PUBLICAÇÕES G.A.M.A.
SETEMBRO 1977 LUANDA

20.000 Exemplares

Preço Kz. 35.00



0226
AC06